

Quando veem duas pessoas juntas, nunca vos apetece querer saber se são namorados, irmãos, amigos ou outra coisa? A mim às vezes apetece-me, de manhã, quando vou no metro. Fixo o olhar num casal e fico a observá-los até um dos dois fazer ou dizer algo que não deixa dúvidas. Um beijo, uma frase como «Lembra-te de ligares à mãe» ou «Amo-te». Mas, habitualmente, as pessoas não preocupam em dar a conhecer ao mundo inteiro por que razão estão acompanhadas às sete e meia da manhã.

O Luca e a Martina estão a conversar em frente do bar. Ela ri-se e, quando o faz, apoia uma mão no braço ou no ombro dele, mas esse gesto não tem nada de íntimo, muita gente o faz. Ele fala com um tom sério, que na realidade é o seu tom brincalhão, e disfarça habilmente o orgulho de se saber objeto de todos os olhares. É esquisito vê-lo conversar longamente com a Martina; é estranho para todos e para mim também.

Vou agora despedir-me deles e lamento não poder sair do meu corpo para desfrutar de toda a cena do lado de fora: observar os seus gestos e os meus, observar o beijo nas faces que vou dar aos dois, ficar a escutar as nossas conversas sobre o ano que se inicia, o tom que daremos a cada palavra.

Mas, para quê? No fim de contas, não ficaria certamente a saber mais do que antes. E, sem dúvida, não é preciso sabermos tudo, definirmos claramente as relações e as pessoas. Embora seja verdade que antes essa definição existia e era clara, inequívoca.

No fundo estou apenas a procurar perceber como é que cheguei aqui, como é que chegámos, o que aconteceu, o que é que mudou nas nossas vidas. Tudo mudou. E o que vai acontecer nos próximos dias talvez esclareça tudo. Por agora, a única coisa que posso fazer é pensar no tempo que passou e no dia em que a minha vida mudou.

Dizem que aquilo que desejamos demasiado nunca chega e que quanto mais te preparas para alguma coisa mais ela se afasta de ti. Esta teoria também se aplica no sentido inverso: se pedes com todo o coração que algo não aconteça, podes ter a certeza de que não tardará a acontecer. E de nada vale armarmo-nos em espertos e fingir que queremos alguma coisa que, na realidade, pretendemos evitar a todo o custo. O melhor que se pode fazer é não pensarmos. É uma pena que não o consiga fazer.

– Sabes o que tens de fazer? – pergunta-me o Luca à porta da escola.

– Diz-me.

– Imagina todas as possibilidades e prepara-te para todas.

– Mas eu não quero estar preparada, quero que as coisas aconteçam como digo!

– Não podes decidir isso.

– Vejamos, há duas possibilidades: se me tiver corrido bem, ótimo, amanhã estarei num comboio em direção a Génova e dentro de dois dias na Sardenha, sem os meus pais, sem o meu irmão e só com as minhas amigas. Caso contrário, se me tiver corrido mal,

vou passar um mês a discutir com os meus pais e, daqui a um mês, estarei num parque de campismo na Apúlia.

– Está bem, então pensa assim: se as coisas te correrem mal, passas o verão com os teus pais e, daqui a dez anos, terás mais uma anedota para contar aos teus amigos.

– Grande anedota...

– Estou a falar a sério. Imagina-te daqui a dez anos.

– Luca, a tua teoria não serve.

– Então não serve?

O Luca é a minha máquina automática de teorias. É como uma máquina de café: umas vezes fica com as tuas moedas, outras acaba-se-lhe o café ou as colheres, mas a vantagem é que está sempre acesa, vinte e quatro horas por dia. Acho, contudo, que hoje se lhe acabaram as colheres, o açúcar, o café e os copos. A única coisa que fez foi cuspir um pouco de água a ferver. Pode dar-me todas as explicações que quiser, mas uma coisa é certa: se repetir o ano, será o fim.

– Acreditas no destino?

Volta a tentar.

– Queres dizer que o meu destino é repetir o ano? Obrigada, é muito simpático da tua parte...

– Não, não é isso. O que quero dizer é que acredito que as coisas têm um sentido em si mesmas, enquanto nós só vemos o sentido que lhes queremos dar.

– Isso soa bem, reconheço.

– Lembras-te do que te disse sobre o Paraíso?

A teoria do Luca sobre o Paraíso é a seguinte: a felicidade eterna é um embuste e o Inferno tempo perdido. O melhor é o Purgatório, porque não é infinito. É como a vida na terra. Conclusão: a vida na terra é o Purgatório.

– Sim, lembro-me.

– Então, se as coisas correrem mal, podes dar outra volta pelo Purgatório.

– Afinal de contas, é o melhor dos três.

– Exatamente!

– Luca, achas que me vão reprovar?

– Ali, não sei.

– Uff, se me fizerem repetir o ano vai ser uma porcaria... Ainda por cima já não estaríamos na mesma turma...

Um grito interrompe a nossa conversa. Todos se lançam para a entrada da escola. As portas duplas abrem-se devagar e os alunos invadem o vestíbulo em massa. As notas já estão afixadas.

Por favor: não. Pronto, é inútil pedir; pior, se o fizer, dá azar. Tenho de fingir indiferença. Atiro-me para o vestibulo, mas há pelo menos uma centena de alunos em frente dos painéis. Uns dão saltos e soltam gritos de alegria e outros baixam a cabeça. Um dá um murro na parede e pragueja. Bem, já está, daqui a pouco também eu vou começar a gritar de alegria ou a praguejar.

Aproximo-me com passo firme e tento abrir caminho por entre a multidão. É impossível, não consigo passar.

Então, ponho-me de joelhos e avanço de gatas; dão-me pontapés e empurrões, até que vejo as pernas de ferro dos painéis. Chegou o momento de me levantar. Faço-o e sou atingida por um par de sopapos na cabeça. Diante de mim está uma rapariga loira que não me deixa ver nada. Tento passar-lhe à frente. Ponho uma mão nas suas costas e ela volta-se para me deixar passar. Ficamos encaixadas, barriga contra barriga, o meu joelho entre as suas pernas e a sua cabeça junto à minha. Não sei como me desprender, só se lhe puser as mãos nos ombros e a empurrar. Com os olhos cravados no chão penso numa forma de me soltar, mas não sei o que fazer. Tenho a mente em branco. Não penso em nada, não vejo nada, não sinto nada. Sou uma autómatas com um único objetivo: chegar junto destes malditos painéis o mais depressa possível.

Sem pensar no que faço, invisto com a cabeça baixa contra a última fila que me separa dos painéis, mas ao tentar bato com a testa contra o queixo da rapariga.

– O que estás a fazer? Tem cuidado!

– Desculpa, desculpa! – exclamo imediatamente. Ela nem se digna a olhar para mim.

Uma mão que sai do nada agarra-me pelo pulso e um segundo depois estou fora da confusão, mesmo por baixo dos painéis.

– Luca! Viste as notas?

– Não, estava a tentar desprender-te da Martina.

– A Martina?

Volto-me e desta vez vejo claramente o rosto da Miss Rabiosque de Ouro, como foi proclamada num grafiti de letras enormes, no muro em frente à escola. Observo-a por um momento, enquanto a sua expressão passa repentinamente da angústia à alegria.

– Todos para a Apúlia! – grita ela, erguendo os braços.

– Passou, suponho – digo, desanimada.

O Luca observa-me com um ar interrogativo.

– Sempre me interroguei por que razão as escolas organizam este ritual de assalto. Não seria melhor que o fizessem da mesma forma que fazem tudo o resto?

– O que queres dizer?

– É como se atirassem baldes de tinta vermelha do telhado, ao acaso. Aquele que levar com a tinta repete o ano. Para quê sofrer? No fim de contas, os baldes de tinta vermelha que chovem do céu são os que fazem a diferença: tu passas, tu não. Tu és feliz, tu não. Vocês dois agora ficam cheios de borbulhas. Aquele apaixonou-se. Tu perdes um amigo. Tu ganhas a lotaria.

Este não era o momento para os disparates do Luca.

– Olha, vou ver as notas. Queres que veja também as tuas?

– Não, não, vou guardar a surpresa para setembro.

– Está bem, Luca, adeus.

Tenho de encontrar a folha da minha turma, que está obviamente a pelo menos três metros de distância. Deslizo por entre os

painéis e faço saltar as dezenas de mãos que estão à procura nas listas dos nomes, até que, por fim, chego à minha.

É como na entrada de um concerto: tu podes passar, tu não, enquanto te vão empurrando por trás, e se depois de estares na fila descobres que não te deixam entrar perdeste todo aquele tempo para nada. O espetáculo tem de começar. «Por favor, que o meu nome esteja lá», penso. Acendem-se as luzes. Não estou.

– Todos para a Apúlia – suspiro.

Repito o ano.

Bonita não, mas também não sou um espantalho. Vejamos, não sou bonita, porque não serviria para modelo de revistas, nem sou um avião. Devem ser três, ou talvez quatro, as partes do meu corpo que fazem com que não me pareça nada com a típica apresentadora de um concurso de televisão. Não sou muito alta, tenho um peito pequeno e devia perder uns quilos.

«O rabo dava para alguma coisa», diz-me sempre o meu irmão, embora o facto de um pirralho de treze anos ter algo para opinar sobre o tema não contribuir para aumentar a minha autoestima. Por último, temos o problema do nariz, que se poderia definir como peculiar, mas que a maioria define pelas suas características: uma batatinha que mal sobressai vista de lado. Enfim, o conjunto, como diria o meu irmão, «dava para alguma coisa», especialmente através da escolha das roupas: as calças de ganga de cintura baixa assentam-me bem, desde que não as use muito justas por causa do efeito salsicha. Com os decotes não dá para exagerar, já que simplesmente não tenho muito para mostrar. E, se virmos bem, no verão não preciso de pensar em muito mais do que isso, já que o meu uniforme habitual é composto por fato de banho, páreo e chinelos.

Olho para a mochila com que iria viajar. Ainda não a guardei, só para me martirizar, para me lembrar de onde deveria estar neste

momento se as coisas não tivessem acontecido como aconteceram. O meu programa era: em julho, uma semana na Ligúria, com as minhas amigas, depois descanso em Milão, em casa, sozinha, e em agosto praia na Sardenha, de novo com as minhas amigas.

Mas repito o ano.

Por isso, o programa mudou ligeiramente.

O primeiro mês de férias: fechada em casa, a estudar.

Depois, ida para a Apúlia com os meus pais.

Fim.

Fiquei, então, em Milão, embora logicamente não tenha aberto nem um único livro, com a cumplicidade de Luca, com quem tenho passado quase todo o tempo. No final, vi as suas notas. E não, ele não reprovou.

Daqui a menos de vinte e quatro horas estarei na Apúlia, num parque de campismo com a minha família, tal como todos os anos.

A minha emancipação veraneante ainda terá de esperar um pouco.

São quase oito horas. Desço para jantar, preparada para tudo, como sempre.

– Aqui está ela – diz a minha mãe, em tom sarcástico.

O facto de repetir o ano contaminou a comunicação familiar e acrescentou uma nota de reprovação a cada intercâmbio verbal.

– Ao menos põe a mesa.

Esse «ao menos» não significa que eu nunca faço nada. É mais um «já que reprovaste, pelo menos põe a mesa».

O meu pai está enterrado no sofá, no meio da montanha de malas abertas. O meu irmão não está.

– Já arrumaste os livros? – pergunta o meu pai quando repara na minha presença, mas sem desviar os olhos do ecrã.

Fala com rodeios: começa com frases aparentemente neutras e espera que eu dê um passo em falso para me recordar de que irei passar estas férias a estudar.

– Sim, já os arrumei – respondo, mas tenho a impressão de que não me está a ouvir. – Onde está o Fede?

A televisão apaga-se.

– Não tentes mudar de assunto! – o meu pai levanta-se do sofá, aproxima-se de mim e expõe a sua teoria sobre o problema. Soa mais ou menos assim – Reprovaste e não nos disseste nada, escondeste-nos o que se passava!

Este é o primeiro ato da sua dramatização: o meu pai está convencido de que decidi repetir o ano, como outras raparigas decidem perder peso ou acabar com o namorado.

– Querias férias na Sardenha, não era? Pois, como vês, agora vais passar um mês inteiro com a tua mãe, o teu irmão e comigo.

Este é o segundo ato: gosta de reforçar o ponto de que as férias em família são um castigo que tenho de sofrer. O que corresponde exatamente à minha ideia sobre o assunto.

Entretanto, o jantar está pronto e eu continuo sem saber onde raio está o meu irmão. O meu pai parece ter-se acalmado momentaneamente e, enquanto a minha mãe serve a massa com molho de tomate, ele comenta qualquer coisa sobre o parque de campismo. Só apanho palavras soltas como «lote», «os vizinhos da outra vez», «o pneu sobressalente», «Salvatore», «Emma», «quando o Federico». Prometo juntá-las todas o mais depressa possível e começo a comer.

A minha mãe é uma completa inútil com o fogão. A massa está cozida de mais e o tomate foi despejado diretamente do frasco. Larga rapidamente o garfo, põe os cotovelos sobre a mesa e olha para mim, assim, imóvel.

– Mãe, estás a assustar-me... – digo, erguendo uma barreira improvisada com a garrafa de água.

Os seus olhos enchem-se então de lágrimas.

– Querida, porque tens de repetir o ano? O que é que se passa contigo?

Conheço a pergunta seguinte; é, de longe, a melhor de todas.

Uma pergunta clássica:

– Onde é que nós errámos?

Sinto-me um pouco como num daqueles filmes nos quais os pais vão visitar o filho à prisão para o convencer a confessar o seu crime. Mas o meu delito não tem nada de secreto, embora já tenha percebido que quando repetes o ano toda a gente acha que existe

algo de suspeito por trás disso. As opções possíveis costumam ser três. A droga é a principal e, como a maioria dos pais não distingue um charro de uma dose de coca, a preocupação pode alcançar extremos inimagináveis. Em segundo lugar está a desilusão amorosa. E em terceiro lugar, para os pais mais orgulhosos, está «um problema neurológico específico».

Ninguém pensa simplesmente na possibilidade de não teres olhado para um livro durante o ano todo.

Por sorte, nesse momento o meu telemóvel toca.

Afasto-me da mesa e atendo.

– Acho que prefiro que não te vás embora, desde que os teus pais estejam de acordo.

– Posso dizer-lhes isso, se calhar até lhes peço umas centenas de euros para ir sozinha para algum lado.

– Estupendo, estava a pensar em algo do género. E, com algumas centenas de euros, podíamos ir acampar nalguma vila aqui perto.

– Luca, já sabes que tenho de me ir embora amanhã de manhã.

– «Tenho de me ir embora», «Já sabes»... Que palavras são essas? No fundo são só códigos, não é? Basta decidires que «tenho de me ir embora» significa «vou-me embora contigo para a Jamaica» e assunto resolvido.

– Tenho de me ir embora – digo a rir.

– Está bem, então vemo-nos no aeroporto daqui a uma hora.

– Embora me tenhas salvado a vida este mês, agora não tenho outro remédio senão ir-me embora. De qualquer maneira, encontramos-nos esta noite.

Volto para a mesa, termino rapidamente de comer e levanto-me.

– Tenho de sair.

– Agora? – pergunta a minha mãe, mas o seu tom contém um sim implícito. Até o meu pai o sabe e, de facto, começam a discutir.

– Temos a casa de pernas para o ar, amanhã vamo-nos embora e ela vai sair.

Quando um dos teus pais começa a falar de ti na terceira pessoa quer dizer que fizeste das boas. Temo que ainda levará muito

tempo para reconquistar a velha e querida segunda pessoa do singular.

—Vá lá — limita-se a dizer a minha mãe e as queixas do meu pai não passam de um resmungo em surdina.